

# NIETZSCHE E A CULTURA ALEMÃ DO SÉCULO XIX: CRÍTICA A DAVID STRAUSS

Por Jonas Silva Faria<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar ao leitor uma introdução do pensamento de Nietzsche em relação à cultura alemã do século XIX, em específico as críticas de Nietzsche a um conhecido teólogo da época, David Strauss. Em sua *Primeira Extemporânea*, Nietzsche tece as críticas ao referido teólogo que é o verdadeiro filisteu da formação (da cultura), e por isso é digno de ser refutado. O fato de Strauss ter sido praticamente leitura obrigatória entre os jovens intelectuais da Alemanha, inclusive ter sido lido pelo próprio Nietzsche, o torna figura importante a ser estudada na história da filosofia, quando o assunto é Nietzsche e a cultura alemã do século XIX.

Palavras chave: Cultura alemã, filisteu da formação.

## Abstract

This work aims to present to the reader an introduction to Nietzsche's thinking about nineteenth-century German culture, specifically the Nietzsche's criticism to a well-known theologian at that time, David Strauss. In his first *Untimely Meditations*, Nietzsche criticizes this theologian who is the true philistine of formation (of culture), and therefore is worthy of being refuted. The fact that Strauss was practically a compulsory reading among young German intellectuals, including being read by Nietzsche himself, makes him an important figure to be studied in the history of philosophy when it comes to Nietzsche and the German culture of the nineteenth century.

Keywords: German culture, philistine of formation.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá - UEM, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/ PR, graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e graduado em Teologia pelo Centro Universitário de Maringá – UniCesumar. Leciona Filosofia e Sociologia no UniCesumar e leciona Filosofia na Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/ PR, Núcleo Regional de Educação de Maringá. E-mail: fariajonas@hotmail.com

## **Introdução:**

Friedrich Wilhelm Nietzsche, filho primogênito de Karl Ludwig Nietzsche e de Franziska Oehler, conforme Barbuy Silveira Barbuy (2005, p. 3), descendia de uma família eclesiástica a qual, tanto por parte de pai como por parte da mãe, houvera muitos pastores. Seu pai e seu avô foram professores de teologia e o próprio Nietzsche, aos 14 anos de idade, recebeu uma bolsa de estudos da escola de Pforta que visava prepará-lo para a carreira eclesiástica. Nietzsche destacou-se nos estudos teológicos na Universidade de Bonn, na literatura alemã e estudos dos clássicos (grego e latim), porém, ainda bem jovem, já começou a questionar os ensinamentos da fé cristã. Observa-se que o cristianismo esteve sempre presente na filosofia de Nietzsche, quer seja de forma direta ou indireta, visto que era praticamente impossível para um jovem intelectual da Alemanha do século XIX não ter sofrido a influência da teologia da época e, mais precisamente da Teologia Liberal. Nietzsche, como dito acima, sendo de família luterana e de pastores, não escapou da formação teológica.

O jovem Nietzsche publicou, no período de 1873 a 1876, quatro obras, as quais denominou de *Considerações Extemporâneas*. O filósofo pretendia que fossem em número de treze, mas foram publicadas apenas quatro. Para este trabalho, vamos nos ater apenas à *Primeira Extemporânea*, escrita para combater os filisteus da formação, cujo principal representante é David Strauss. A primeira extemporânea contra Strauss era dirigida à cultura alemã de uma forma geral, a qual Nietzsche considerava como sem sentido, sem substância e como uma mera opinião pública.

### **1. Cultura alemã do século XIX**

A Alemanha do século XIX sofreu profundas mudanças sócio-políticas e econômicas. Depois da guerra franco-prussiana (1870), quando acontece a unificação da Alemanha, Nietzsche observa que a vitória militar transmite uma falsa ilusão de que a cultura alemã também foi vitoriosa ou, ao menos, teria parte nessa conquista. A vitória da Alemanha não provocou a decadência da cultura francesa, até porque, segundo Nietzsche, além de ela continuar a mesma, os alemães é que continuaram sendo tributários dela.

Segundo Nietzsche, há um equívoco interno na Alemanha de que a cultura alemã já foi disseminada aqui e acolá, e isso gerou entre os jornalistas alemães e entre os criadores de canções, romances, tragédias, bem como entre os escritores dos livros de história uma felicidade tal que chegou a ser considerada uma embriaguez, a qual gerou uma ideia de uma cultura sacrossanta, que eleva alguns escritores nos grandes jornais à categoria de escritores modelos e novos clássicos da literatura alemã.

Nietzsche (Co. Ext. I § 92) observa que a vitória na guerra pelos alemães na guerra franco-prussiana em nada contribuiu para que os alemães se sentissem superiores culturalmente aos franceses, pelo contrário, foram os alemães que sofreram as maiores influências dos inimigos e a vitória na guerra não tem nenhum mérito cultural alemão a não ser à coragem, determinação e superioridade de comando e obediência de suas tropas. Para Nietzsche, era de se esperar que a parte mais instruída da Alemanha percebesse o tamanho abuso que estavam fazendo do sucesso na guerra, como um galo que estava a pavonear diante da imagem refletida no espelho. Não estavam mais os alemães preocupados com a cultura, uma vez que para eles tal cultura era o fruto mais belo e mais maduro daquele tempo. Conforme Nietzsche, os alemães confundiram uma estrita disciplina com o termo cultura, e da Alemanha, segundo o filósofo, pode-se concluir que esta perdeu a simples ideia de cultura. Os alemães, segundo Nietzsche, vivem numa miscelânea de cultura, com as cores e produtos de todos os tempos, e desta junção ou confusão deram o nome de essência do moderno. Contudo, tal miscelânea de

**Para Nietzsche, deixar-se levar pela ilusão de que foi a cultura alemã que influenciou na vitória da guerra franco-prussiana iria extirpar o espírito alemão.**

cultura não convence nenhum inimigo, principalmente os franceses que têm uma cultura autêntica e fecunda.

Nietzsche observa que, se os alemães tivessem deixado de imitar os franceses, com certeza não os teriam vencido, mas apenas se livrado deles. Somente se a Alemanha tivesse imposto sobre a França uma cultura original é que poderia realmente ter cantado a plena vitória. No entanto, até então, segundo Nietzsche, os alemães ainda eram dependentes de Paris.

Para Nietzsche, o que é passível de crítica é a barbárie (denominada de a cultura histórica), que nada mais é do que um acúmulo de informações, desprovida de estilo, ou então uma mistura de diversos estilos. A cultura<sup>3</sup> será o contrário de uma mistura de estilos, sendo que cabe ao filósofo então restaurar e estabelecer a unidade de tal cultura, conforme vemos na Primeira Extemporânea:

A cultura [Kultur] é, acima de tudo, unidade de estilo artístico em todas as manifestações da vida de um povo. Muito conhecimento e aprendizado é essencial para ter-se cultura, mas não é um sinal dela; e se necessário for concorda muito bem com o oposto de cultura, barbarismo, que é a essência de estilo ou a mistura caótica de todos os estilos. (Co. Ext. I cap. 1).

---

<sup>3</sup> Deve-se também distinguir Cultura (*Kultur*) de civilização (*civilisation*) em Nietzsche. Para o filósofo, a civilização não unifica, ou seja, ela não fortalece o homem, pelo contrário, o enfraquece. Como o processo civilizatório torna o cidadão em um ser obediente, inofensivo e útil, este processo na filosofia de Nietzsche pode ser relacionado com o cristianismo e a moral cristã, por ser contra os instintos humanos. A civilização enquanto domesticação é antagônica à cultura elevada. O projeto de cultura Nietzscheano tem como objetivo restituir ao “europeu a superioridade sobre o filisteu e sobre o cristianismo, lutar contra o nivelamento do homem, contra sua domesticação”. (Cit. Por Frezzatti Jr, Wilson Antonio - [Dicionário Nietzsche](#), 2016, p. 173-174).

Nesse contexto, Nietzsche (2011, p. 645)<sup>4</sup> denomina de filisteus da formação (*Bildungsphilister*, *phlister der bildung*)<sup>5</sup> aqueles que imaginam toda a cultura e arte como forma de entretenimento, para ser mais preciso, os filisteus são os homens típicos dessa barbárie<sup>6</sup>. Segundo Nietzsche, o indivíduo que se enquadra nos moldes de um filisteu<sup>7</sup>, geralmente, vive na ilusão de não o ser e, por isso, nega de forma solene ser um filisteu da formação, a ponto de tapar os ouvidos, desviar os olhos e repudiar a todo aquele que tentar lhe mostrar o seu decadente estado. Para Nietzsche, David Friedrich Strauss é o típico e verdadeiro filisteu e disso ele (Strauss) faz confissões em sua obra *a Velha e a Nova Fé*,<sup>8</sup> quer seja pela palavra (confessor ou crente) ou pela ação (como escritor).

**Nietzsche chama de filisteus aqueles que imaginam toda a cultura e arte como forma de entretenimento> um filisteu vive na ilusão de não o ser, a ponto de tapar os ouvidos, desviar os olhos e repudiar a todo aquele que tentar lhe mostrar o seu decadente estado.**

Tendo em vista a repercussão da obra de Strauss *VNF* na Alemanha do século XIX e o fato de Nietzsche ter escrito uma crítica à mesma, justifica-se o trabalho de perscrutar, vislumbrar a obra de Strauss que o filósofo escolheu para criticar. As críticas de Nietzsche são abundantes e explícitas a um Strauss

<sup>4</sup> Obras Completas. *Volumen I*. Madrid: Escritos de Juventud, 2011.

<sup>5</sup> Segundo Wilson Antonio Frezzatti Jr., o filisteu da cultura é o antípoda do genuíno homem de cultura e também do artista, isto é, ele é um comerciante da cultura e da formação (*Bildung*). (Cit. por Frezzatti Jr., Wilson Antonio - [Dicionário Nietzsche, 2016, p. 226-227](#)).

<sup>6</sup> Pseudo cultura.

<sup>7</sup> O termo “filisteu” que a Bíblia denomina o povo de Gat, de onde provém o nome da terra que se tornou Palestina, “passou a ser empregado no século XVIII, nos meios universitários alemães, para designar os estritos cumpridores das leis e dedicados executores dos deveres que execravam a liberdade gozada pelos estudantes. Personagem de bom senso, inculta em questões de arte e crédula na ordem natural das coisas, o “filisteu” recorria ao mesmo raciocínio para tratar das riquezas mundanas e das culturais”. (Marton, 1996, p. 18).

<sup>8</sup> Doravante denominada *VNF*.

que insiste em dizer “que não é mais um cristão”, pelo menos não aos moldes da velha fé. Uma forte crítica a Strauss, proferida por Nietzsche, é que seu livro é repleto de contradições, uma vez que, ao falar publicamente de sua fé, Strauss já está de forma implícita fazendo uma confissão, como podemos ver abaixo:

Seu livro intitulado *A Velha e a Nova Fé* é, no que diz respeito ao seu conteúdo e no que diz respeito à sua qualidade como um livro e produção de um escritor, uma confissão ininterrupta; e ele permitir-se fazer uma demonstração pública de suas crenças já constitui-se em uma confissão. Pode ser que todas pessoas com mais de quarenta anos tenham o direito de compilar uma autobiografia, até mesmo o mais humilde de nós pode ter experimentado e visto mais de perto coisas que o pensador pode achar digno de nota. Mas fazer uma confissão das próprias crenças deve ser algo a ser considerado incomparavelmente mais presunçoso, uma vez que pressupõe o escritor atribua valor, não apenas para o que ele tem experimentado ou descoberto ou visto durante a sua vida, mas até mesmo para o que ele acredita (Co. Ext. I § 3).

Observamos que, a princípio, com tal obra, a intenção do “velho” Strauss é refletir sobre a velha fé da igreja e contrastá-la com a nova concepção de mundo no qual ele está inserido. De fato, Strauss, apesar de ver a Igreja como um obstáculo para o progresso, não vê a necessidade de destruí-la, até porque acredita que muitas pessoas ainda precisam dela. Strauss questiona se ainda somos cristãos, uma vez que, mesmo tendo renunciado o cristianismo, ainda é possível sermos religiosos. De tal questionamento surge outra questão: ainda temos religião? Se somos cristãos, somos cristãos em que sentido? Para Strauss, portanto, não há renúncia à religião, uma vez que, segundo o teólogo, nós “podíamos ser ainda religiosos, embora de outra forma que não fosse o cristianismo” (Strauss, “s.d.”, p. 137).

## **2. Crítica de Nietzsche a David Strauss**

Nietzsche condena Strauss como sendo este o extirpador do espírito alemão da época, um antípoda de Schopenhauer. David Strauss é o

representante do otimismo burguês intelectual do século XIX e, portanto, um confessor que acredita na bondade humana e no conceito de progresso da sociedade. Sendo assim, Strauss nada mais é do que um filisteu da formação, que imagina toda a cultura e arte como forma de entretenimento. Tal otimismo exacerbado é contestado por Nietzsche, que prefere o pessimismo de Schopenhauer ao entretenimento de Strauss, uma vez que, para Nietzsche, em Schopenhauer pode-se entender melhor a questão da existência e dos problemas relacionados ao sofrimento do ser humano, daí a sua obra ser mais importante do que a de Strauss.

Conforme Nietzsche (Co. Ext. I § 8), há razões para que um filisteu da formação como David Strauss seja reconhecido na Alemanha. A cultura alemã acreditava que era a expressão da verdade e do contentamento e por isso não estava disposta a mudanças. Para os intelectuais alemães, as universidades alemãs eram referências para os demais povos e por isso outros eram convidados a vir aprender nos meios intelectuais do referido país. Segundo Nietzsche, a barbárie alemã está impregnada no meio dos intelectuais e por isto um filisteu como Strauss tem o maior prestígio. A cultura dos filisteus acredita em si mesma e naquilo que propaga, isto é, os filisteus da formação não têm dúvidas daquilo que ensinam, pois para eles era o caminho correto.

Além de confiarem em si mesmos, os filisteus da formação ainda acreditam nos próprios métodos que usam. O sábio filisteu também julga ser capaz de avaliar criticamente todo e qualquer gosto e cultura e ainda considera-se a si mesmo um compêndio em matéria de arte, literatura e filosofia e, por isso, impelem para que o tal sábio coloque suas opiniões já misturadas e diluídas para que estas sejam consumidas pelo povo alemão, uma vez que são agradáveis. O que se fala fora do círculo desses filisteus dificilmente será ouvido, independente de quem os fala. Percebe-se que o problema para Nietzsche (Co. Ext. I § 8) não é unicamente Strauss, uma vez que a cultura e a ciência da Alemanha também se tornaram filisteias e por isso é que Strauss tornou-se um escritor bem aceito entre os sábios e pela opinião pública.

A crítica de Nietzsche era mais centrada na cultura da Alemanha do século XIX. Segundo Nietzsche, a barbárie é que deve ser criticada, isto é, a ausência de cultura, a qual primava pelo acúmulo de informações. Tal barbárie

era mais um emaranhado de estilos e na verdade não possuía nenhum estilo próprio. Para Nietzsche, como vimos neste trabalho, cultura é “unidade de estilo artístico que atravessa todas as manifestações da vida de um povo”.

O homem que vive a barbárie, segundo Nietzsche, é o filisteu da formação e Nietzsche declara que Strauss é o típico filisteu da formação. Vimos que, apesar de Strauss ser o típico filisteu da formação, todavia ninguém como Strauss ficaria tão frustrado em ser designado como tal. Nietzsche observa que Strauss ficaria contente se fosse comparado a Lessing ou a Voltaire. Portanto, mesmo que Strauss tenha sido um escritor muito lido na Alemanha, Nietzsche o considera como escritor de um evangelho de cervejaria ou então um mau comediante e tudo o que Strauss não desejava era ser considerado um péssimo escritor.

### **Considerações finais**

Tendo em vista o que foi exposto neste trabalho, observamos que, para Nietzsche, o filisteu Strauss não é um bom escritor e nem um bom crente, pois ao mesmo tempo em que afirma que “já não somos mais cristãos”, não diz da mesma maneira que não temos mais religião. Para Nietzsche, Strauss é um filisteu fanático que, mesmo sendo tal, ainda escreveu contra o fanatismo. Ao escrever contra o fanatismo, Strauss não deixa de ser um religioso e, segundo Nietzsche, muito mais do que isso. Mesmo que Strauss não queira ser, ele, na verdade, é fundador de uma nova religião, afirma Nietzsche.

Nietzsche expõe a religiosidade de Strauss mostrando que o pensamento teológico deste, apesar de negar a existência de um Deus pessoal, apresenta uma forma de deísmo e por isso, segundo Nietzsche, Strauss ainda é um confessor. Todavia, como vimos acima, a crítica de Nietzsche a Strauss não se refere ao pensamento teológico do “velho” Strauss, mas na forma como Strauss escreve e por ser ele o legítimo filisteu da formação e, além do mais, o principal representante deste segmento na Alemanha do século XIX. Nietzsche parece entender que, mesmo Strauss negando a religião tradicional, ele ainda não supera a fé, por mais que ele

entenda que a religião que defende seja uma nova fé, isso é uma religião que se reporta à ciência.

Sobre os filisteus da formação, concluímos que, na visão de Nietzsche, eles têm os olhos vendados e festejam a vitória da guerra franco-prussiana como se esta fosse o grande mérito da fecunda cultura da Alemanha. Todavia, este filisteu apesar de considerar-se como filho das musas, vive na condição de alienado, isto é, iludido com a sua própria condição e, por isso, nega ser um filisteu da formação. Para Nietzsche, o filistinismo nunca é uma cultura, nem mesmo uma má cultura.

Nietzsche reconhece que procurou em Strauss encontrar um bom escritor, mas foi decepcionado em ver que Strauss, como todo o filisteu, não se preocupa em escrever conforme as normas da gramática alemã e, por isso, como todo filisteu, é um mau escritor. Por isso, a crítica de Nietzsche a Strauss foi intensa pelo que este representava para a cultura humana do século XIX. Strauss era leitura quase obrigatória para os jovens alemães de sua época e Nietzsche, como jovem intelectual, também não escapou de ser um fruto de seu tempo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBUY, B.S. **Nietzsche e o Cristianismo**. São Paulo: GRD, 2005.

GEN. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Coleção Sendas & veredas).

MARTON, S. **Nietzsche a transvaloração dos valores**, São Paulo: Editora Moderna, 1996.

NIETZSCHE, F. **Obras Completas. Volumen I.** . Madrid: Escritos de Juventud, 2011.

STRAUSS, D.F. **A velha e a nova fé**. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, “s.d.”.